



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AOS PEREGRINOS DA ARQUIDIOCESE DE CRACÓVIA (POLÓNIA)

4 de Junho de 1998

1. «*Gaude, felix Cracovia...*». Transcorreu um ano desde o dia em que dirigi esta saudação à minha cidade natal. Num dia deveras jubiloso – o da canonização da Rainha Edviges. Como não retornar àquele momento, em que inteiros séculos e inteiras gerações pareceram reunir-se em Blonia Krakowskie, para louvar a Deus pelo dom da santidade daquela que veneramos como «rainha, zelosa propagadora da fé e da caridade, apóstola da verdade e do bem»? (cf. *Oração da memória de Santa Edviges*). Recordo com frequência aquela solene Santa Missa de canonização, dando graças à Divina Providência porque foi dado realizar aquele acto, esperado há seis séculos. Hoje, de modo particular, estou repleto desta alegria e gratidão, porque num certo sentido se inscrevem na alegria e gratidão da inteira comunidade da Igreja de Cracóvia, representada aqui por vós, que viestes tão numerosos aos inícios apostólicos.

Dou cordiais boas-vindas a todos vós. Saúdo o caro Metropolita, Cardeal Franciszek, e agradeço as palavras que me dirigiu. Saúdo os presentes Bispos, Sacerdotes, Irmãos e Irmãs religiosos, os representantes das Autoridades de cada uma das cidades e de cada território, o Senhor Embaixador junto da Sé Apostólica e todos os convidados. Com o coração abraço também as vossas famílias, especialmente as pessoas doentes e de idade avançada, e aqueles que não puderam vir aqui mas se unem a nós com o pensamento e a oração. Deus vos recompense por esta visita.

2. Permitti-me retornar com as recordações àqueles dias em que Santa Edviges, num certo sentido, me guiava numa peregrinação espiritual através da terra de Cracóvia. Que esta recordação reavive em todos nós o espírito de agradecimento, pelos inumeráveis dons que recebemos da Divina Providência.

Tenho vivas diante dos olhos aquelas fogueiras que iluminavam aqueles perfis das montanhas e dos vales de Podhale.

É difícil resistir ao rico simbolismo deste fogo. Não é ele o sinal do Espírito de Deus que pairava sobre as águas, quando o Criador formava esta bonita terra? Daquele mesmo Espírito, que há mil anos faz descer de novo sobre ela nas águas do baptismo, para a animar com o sopro da salvação? Por outro lado, as fogueiras dos montanheseiros são sinal de vigilância, de prontidão em defender os bens. Como naquela noite, assim também hoje, dou graças a Deus porque o fogo da fé, da esperança e da caridade não se extingue na terra de Cracóvia, porque há multidões de fiéis, vigilantes e prontos a defender o tesouro do Evangelho, assumido juntamente com o Baptismo. Sentia-me comovido quando em Zakopane, no meio daquelas multidões, eu fixava o olhar na cruz no monte Giewont que domina a Polónia. Não podia, então, deixar de me recordar daquele *Crucifixo de Wawel*, diante do qual se ajoelhava Edviges, para ouvir do Senhor: «Faze o que vês». Oro a Deus incessantemente para que se realize a exortação «*Sursum corda*»; para que os fiéis da terra de Cracóvia e da inteira Polónia, a exemplo de Edviges, elevem os corações para a Cruz e dela possam haurir um programa de vida pessoal e social.

Estou grato a Deus porque precisamente na dilecta Podhale, na igreja de Nossa Senhora de Fátima em Krzeptówki, pude renovar o meu «*Totus tuus*», confiando, Àquela que me salvou a vida na hora do atentado, todo o meu serviço à Igreja universal. Sei que não estava sozinho ao fazer esse acto de consagração. Sustentava-me a oração daqueles que tinham escolhido Maria como Mãe e Padroeira. Tive oportunidade de me convencer disto, ao visitar as paróquias de Zakopane, de Santa Cruz e da Sagrada Família, e de modo particular ao inserir-me no fluxo plurissecular da oração do rosário, aos pés da Padroeira de Podhale de Ludzmiarz. Agradeço-vos e a todos os compatriotas este apoio de oração, que dais ao Papa. Peço também: não interrompais esta oração!

3. Dirigi os meus primeiros passos na real Cracóvia para o *Santuário da Divina Misericórdia*. Santa Edviges não podia levar-me para outro lugar. Com efeito, foi Ela que com toda a sua vida respondeu ao Crucificado: «Jesus, confio em Vós», e fez da misericórdia para com os mais necessitados o programa do seu reino. Não o esqueceu o artista que, no tríptico do século XV, que adorna o altar do *Crucifixo de Wawel*, colocou a figura de Cristo misericordioso. Como não dar graças a Deus pela Sua misericórdia? Sinto-me feliz pelo facto de o culto da Divina Misericórdia se difundir em todos os continentes. Com alegria tive conhecimento que a Arquidiocese de Cracóvia empreende o esforço para a ampliação do Santuário de Lagiewniki, no qual se inserem os fiéis do mundo inteiro. Espero que ele se torne um centro vivo do apostolado da Divina Misericórdia.

Quão magnífica e oportuna moldura para a canonização da Rainha Edviges foram as celebrações do 600º aniversário da fundação jagelónica da Universidade de Cracóvia e, no seu âmbito, da Faculdade de Teologia. Era necessário também deste modo prestar homenagem à mãe da ciência polaca «*Alma Mater*». Dou graças a Deus porque chegaram os tempos em que todos os ateneus polacos – nas pessoas dos seus reitores e dos seus professores – puderam fazê-lo juntamente com o Papa na colegiada universitária de Santa Ana. Encontrámo-nos no nome do comum amor pela verdade. Creio que este amor que une, levar á frutos abençoados à ciência polaca. Naqueles dias não faltou a lembrança daqueles que ao longo dos séculos formavam o clima científico da «*Alma mater*» jagelónica, da cidade de Cracóvia e da Polónia inteira. Não se podiam esquecer os professores e os alunos que, num certo sentido, deram a sua vida a esta universidade, de modo especial durante a ocupação. Tal como todos os dias, assim também hoje oro pela paz eterna daqueles ilustres homens de ciência.

Alegro-me por ter podido visitar mais uma vez o *Collegium Maius* – lugar a mim tão caro. Não posso deixar de recordar

também a paróquia da Rainha Edvigés em Krowodrza.

No final da festa a Rainha levou-me ao monte de Wawel, ao qual estou tão fortemente ligado desde os anos da minha juventude. Para mim pessoalmente foi um momento particular. Pela graça divina foi-me dado retornar àquilo que vivi no início do meu ministério sacerdotal. Após cinquenta anos, pude apresentar-me ao mesmo altar, na Cripta de São Leonardo, junto do qual celebrei pela primeira vez o Sacrifício eucarístico. Como sou grato a Deus por este excepcional encontro com toda a Igreja reunida em torno da catedral de Wawel, na qual está enraizado o meu sacerdotado, à qual se uniu a minha missão episcopal e que, num certo sentido, me gerou para o serviço petrino. Detinha-me comovido junto das inúmeras recordações da nossa história nacional e da tradição cristã, que este templo encerra em si. Entre estas estações não pôde faltar o encontro com o Crucifixo negro da Rainha Santa Edvigés.

4. «Na Cruz existe o sofrimento, na cruz há a salvação, na cruz aprende-se o amor. Quem consegue uma vez compreender-Vos, ó Deus, nada mais deseja, nada procura». Este Crucifixo lançou profundas raízes na tradição religiosa de Cracóvia. Pode-se dizer que a espiritualidade de Cracóvia se formou a partir da cruz. O mistério, nela contido, do infinito amor de Deus que Se doa sem reservas para a salvação do homem, traz em si uma grande exortação: «Faze o que vês!». Não é possível dar-lhe outra resposta, senão a de seguir Cristo no caminho da cruz – no caminho do amor de Deus e do próximo, que não conhece limites. Por isso, quero hoje recordar mais uma vez aquilo que eu disse, naquele memorável dia, em Blonia Krakowskie: «A Divina Providência põe-nos diante de uma tarefa nova: amar e servir. Amar com as obras e de verdade. A Santa Rainha Edvigés ensina-nos a utilizar precisamente assim o dom da liberdade. Ela sabia que o cumprimento da liberdade é o amor, graças ao qual o homem está disposto a confiar-se a si mesmo a Deus e aos irmãos, a pertencer-lhes. (...) Transmitiu a toda a Nação o exemplo do amor de Cristo e do homem, de um homem sedento tanto de fé como de ciência, e ainda de pão quotidiano e de vestuário». Este é um grande desafio. É preciso que a Igreja de Cracóvia o aceite incessantemente na perspectiva do próprio milénio, para permanecer fiel ao caminho traçado pela santa Senhora de Wawel e por tantos outros santos «cracovianos».

«Nossa Santa Rainha Edvigés, ensinanos hoje, no limiar do Terceiro Milénio, a sabedoria e o amor com que percorreste a via da tua santidade. Conduz todos nós, Edvigés, para junto do Crucifixo de Wawel, a fim de, como tu, conhecermos o que significa amar com as obras e de verdade, o que quer dizer ser verdadeiramente livre. Toma sob a tua protecção a tua Nação e a Igreja que a serve, e intercede por nós junto de Deus, a fim de que não cesse em nós a alegria».

Com grande reconhecimento, penso hoje em todos aqueles que, de algum modo, contribuíram para que o meu encontro, do ano passado, com a Igreja de Cracóvia pudesse ser realizado. Nas mãos do Senhor Cardeal Franciszek e nas vossas mãos quero mais uma vez depositar o meu agradecimento a toda a Arquidiocese de Cracóvia. Agradeço-vos também este encontro. Peço-vos que leveis a minha saudação e a minha bênção às vossas casas; transmiti-las aos vossos entes queridos e à inteira comunidade da Igreja de Cracóvia. Deus vos recompense!

Antes de dar a Bênção Apostólica, João Paulo II disse:

Fazeis bem em cantar «Cem anos», porque estava precisamente a pensar que Sua Eminência elencou muitos lugares e os santuários, as paróquias, mas talvez não recordou os cemitérios, os belíssimos cemitérios de Cracóvia: o cemitério de Rakowicki, Salwatorski e, obviamente, o primeiro e o mais monumental cemitério junto da Catedral de Wawel. Estes

são os lugares onde se exprime a nossa fé na vida: «Creio na vida eterna». Recebei agora a Bênção.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana